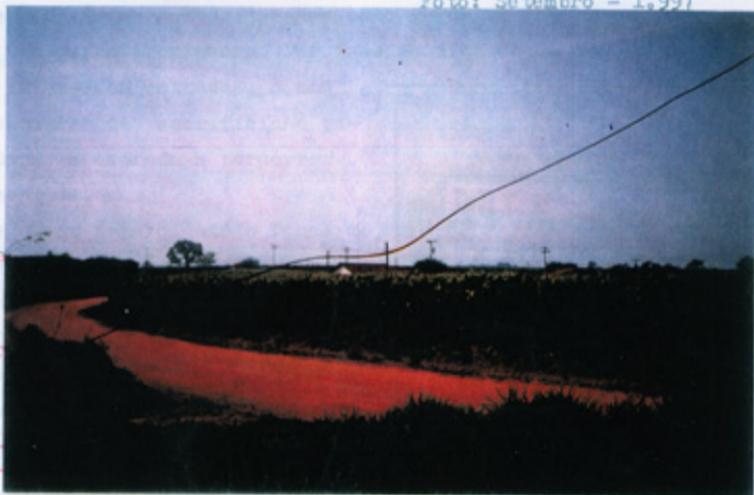


Um ano de chuva abundante, propicia ao agricultor, maior colheita.

Foto: Setembro - 1.997

Foto ao lado: Entardecer a margem do Rio São Lourenço.

Pode-se ver: a casa do Jorge quase coberta pelo milharal, e um trecho da estrada acima da ponte, quando ainda era terra.



Época da chuva; Todos nós sabemos, que nem todos os anos se assemelham, com respeito a quantidade de chuva que cai sobre uma região, fi-  
ela em qualque lugar da terra. / que

Fenômenos naturais, ou extras, interferem e muito, quanto as di-  
zensões pluviiais, fazendo que numa mesma região, a chuva atinja num ano,  
índices elevados de milímetros por metro quadrado, quando, em outro ano,

Foto a  
a esquer-  
da:  
Junho- 95.



Trecho da  
estrada -  
Quadro -  
Itapolis,  
antes mes-  
mo de ser  
terra pla-  
nada, pe-  
las esqui-  
nas da Pre-  
feitura de  
Itapolis,  
quando foi  
preparada  
para rece-  
ber o AS =  
PALTO.

Nota-se a lama e póças d'água, típicas do tempo da chuva.

este índice, longe de atingir o suficiente, motivado pela escassês da chuva registra então um ano de sêca.

Para nós da lavôura, acostumados a estes altos e baixos, a propria natu-  
reza nós ensina o chamado jôgo de cintura para superar-mos contratempos.

Um ano de chuvas abundantes, propicia ao agricultor, maior animo, pois além de vêr os campos tomados pelo verde da esperança, tem a certeza de uma safra promissora. Por isso se diz: chuva benção de Deus.

Porem falando em estradas, o ano chuvoso é sinonimo de sacrificio e paciencia, quando a estrada a percorrer, não é pavimentada.

Desde o seu inicio, até o final de 1.999, a estrada Quadro-Itapolis, guarda em sua historia, momentos marcados pelo sacrificio dos motoristas, que como nós tiveram que passar por ela em tempos de chuva.

De minha parte, teria muitas historias a escrever, sem contar quantos carros, caminhões, e mesmo ônibus, vi encostados ao barranco, quando a lama impossibilitava o motorista de controlar o veiculo. Quantas pessoas vi empurrando o veiculo, numa tentativa de zarpas do encalhador. Historias se ouviam, as vês até pre ocupantes, como a de um ônibus da linha, que surpreendido em meio a enxurrada, chegou a tombar com 60 pessoas a bordo.



Foto: Fusca 1.300, ano 1.968, e que foi de minha propriedade. Além de servir minha família, foram inumeras as viagens, para Itapolis, para atender, a qualquer hora do dia ou da noite, pessoas necessitadas, especialmente em casos de doença.



Séde da Fazenda Branco Pêres, situada a poucos quilômetros da cidade de Itapolis, margeando a estrada, Quadro-Itapolis, que também se vê na foto.

Certa vês: em Junho de 1.974, voltando sózinho de Itapolis, pela noite, dirigindo meu Fusca, (foto) sob forte chuva, que aliaz já vinha caindo desde o meio dia daquele domingo, quando eu e outros ministros da Eucaristia, participamos de uma reunião em Bariri (SP).

(continuação da página anterior)

Para chegar-mos a Itapolis, havia sido verdadeira peripecia. Agó-  
ra de volta para minha casa, estava eu, enfrentando sózinho a a estrada  
Itapolis -Quadro, com o mínimo de visão, devido a forte chuva que conti-  
nuava caindo.

Ao chegar em frente a Fazenda Branco Peres, (foto da página anteri-  
or) senti em baixo de meus pés, O fundo do carro, raspar na terra, ficando  
assim, os pneus sem poderem firmar-se no chão. Depois de varias tenta-  
tivas inuteis, desolado percebi não haver outra alternativa, a não ser /  
passar o restante da noite atolado no barro.

Ficar ali não seria o problema maior; Pensava em minha esposa, qual  
seria a sua preocupação. Mas deduzia que a forte chuva a levaria pensar  
que eu pudesse ter ficado em Itapolis, na casa de algum amigo. O que me  
preocupava seriamente, era que o motor do Fusca sendo na trazeira, com a  
forte enxurrada, em pouco tempo estaria tomado pela agua. E por acrescimo  
do, o sufoco que estava passando, em não poder abrir o vidro do carro ,  
devido a forte chuva que não permitia que o fizesse.

Permaneci prêso por uns 40 minutos, depois de varias tentativas in-  
uteis, Já sem esperanças, em certa hora liguei o motor, e comeci a for-  
çar o carro para frente e para trás. Com o movimento do carro, a enxur-  
rada, agora fortissima, conseguiu infiltrar-se por baixo deste, removen-  
do o barro que o prendia. Numa tentativa para frente, senti os pneus firma-  
rem-se na terra dura da estrada. E o Fusquinha, e seu motorista, livra-  
ram-se de mais uma.

Embóra o restante da viagem não tenha sido facil, ao chegar em mi-  
nha casa, lá pela 1 hora da manhã, meu primeiro ato foi de um. agradeci-  
mento a Deus.

## OUTRA HISTORIA !

O nascimento do primeiro nêto não supéra a emoção do nascimento do  
primeiro filho. Porem, depois de longo tempo sem a <sup>presença</sup> de uma criança na fa-  
milia, para os avós, a chegada de um nêto não deixa de ter o seu impacto.

Nossa filha Isabel, agora casada, residia em Taquaritinga. Depois  
de uma gravidês insegura, embora houvesse medicos em Taquaritinga, entre-  
teu-se aos cuidados do Dr. Antonio Melucci, pela confinça que sempre de-  
positára nele.

22 de Outubro de 1.983. Na maternidade de Itapolis, nasce a nossa  
primeira netinha, que recebera mais tarde o nome de Karina.

Alegres, minha esposa e eu, fomos a tarde em Itapólis, para visitar a filha, parabenizar o marido, e conhecer a neta.

Mês de Outubro! calor sufocante. Enquanto absortos estava-mos na

Maternidade, o céu se escurece e um forte temporal acompanhado de raios, trovões e um ventoso, cai sobre a cidade. As paredes pareciam tremer, sob o impacto dos trovões, enquanto o vento fustigava as árvores arrancando galhos e des- telhando casas.



Foto acima: Placa indicando a entrada para a comunidade do Varjão. Uma área do município de Itapólis, onde a existência de várias propriedades agrícolas, recebeu este nome devido ao motivo de antigamente, ser ela banhada por grande vargem. Vê-se na foto a estrada agora pavimentada, e a famosa subida do baiano, verdadeiro

terror para os motoristas em tempos de chuva, quando essa terra.



Ao lado: Fica a água, que anos se encontra beira da estrada,

facilitando o abastecimento de tanques de pulverizadores de laranjeiras. O local visto nas duas fotos, fica a margem do Corrego das Palmeiras. Fotos: 02/04/2.000.

Quando conseguimos sair da Maternidade, parecia inacreditável as consequências de tamanha furia. Quando tomamos a estrada de volta para casa, além das valêtas abertas pela chuva, a lama, árvores caídas, galhos pela estrada, deixavam claro que o temporal se antecipara a nós, tomando a mesma direção.

Para abreviar; Métro por mé<sup>tro</sup>, foi vencido por nós, devido o carro, um Voyage 82, adaptar-se bem ao barro. Ao chegar-mos próximos ao / corrêgo das Palmeiras, (baixada) um caminhão que transportava colhedores de laranjas, estava encostado ao barranco, enquanto um atoleiro, cortava

Foto:  
Ponte  
sobre o  
Corrêgo  
das Pal-  
meiras.  
Estrada  
Quadro-  
Itapolis.  
Neste lo-  
cal, quan-  
do a es-  
trada era  
de terra,



Fo-  
to:  
02  
04  
2.000

devido, a baixada, as águas que ali se juntavam, quando das chuvas, for-  
mavam um verdadeiro atoleiro, dificultando a passagem dos veículos.  
nessa viagem de volta.

Tentei varias vês, tirar o carro, mas as tentativas fôram inúteis. Somente conseguimos sair, pela solidariedade dos bóias frias, que jun-  
tando-se ao redor do carro, conseguiram levanta-lo levando-o por alguns  
mê<sup>tro</sup>s, até sair do atoleiro.

#### MAIS UMA HISTORIA DO TEMPO DO BARRO!

1.967. Uma noite chuvôsa, pelas 10 horas da noite, bate a pórta de  
minha casa, Mario Pereira, mórador em um sitio visinho. Mario, pessoa  
simples, pai de varios filhos, embôra conversador, era tido por nós co-  
mo bom amigo.

Preocupado péde se lhe fizesse o favôr de leva-lo até Itapolis, /  
com a esposa que estava para dar a luz a mais um filho.

Depois de conseguirmos possuir um carro, nunca me neguei a atender,  
a qualquer hora do dia ou da noite, quem precisasse de tal favôr, pelo  
motivo de que também precisês e sempre fui atendido.

Naquele tempo, meu carro era uma Kombi, ano 1.963. (FOTO)

Saimos pela estrada sob forte chuva, e preocupados, pois Dna. Aparecida, esposa de Mario, demonstrava sentir fortes dores.

Dirigindo com atenção redobrada, pois a chuva ofuscava um tanto a visão, consegui driblar o barro até pouco acima do Rio São Pedro, naquele tempo subida íngreme. Ai então a Kombi, que vinha dançando pela pista, e com os pneus tomados pelo barro, atravessou-se na estrada e parou definitivamente.

Comêça então, uma luta desesperada contra o tempo, já que Dna. Aparecida, tem o seu estado agravado pelo nervosismo, natural em tal situação.

Mario desce do veiculo, e faz todo esforço possível, enquanto eu procurava no acelerador dar ao carro, forças necessárias. Mas em vão.

Tirei camisa e sapatos, e agora juntos, Mario e eu, arrancamos o barro, debaixo dos pneus enquanto Dna. Cida gritava contorcendo-se de dores e clamando pela Virgem Maria.

Não foram minutos, mas sim mais de uma hora de desespero até conseguirmos sair, sem ao menos sentirmo-nos aliviados uma vez que estava-mos a mais de sete quilômetros da cidade.

Mas graças a Deus, conseguimos chegar em tempo a Maternidade. Enlameados até a cabeça. Enquanto a noturna levava Dna. Aparecida para dentro, uma sensação de alívio veio ao nosso encontro.

Pouquissimo tempo depois a enfermeira avisava o marido, que tudo estava bem, e que a criança já havia nascido.



Kombi, ano 1.963. foi de minha propriedade nos anos 60. Na estrada Quadro-Itapolin, passei com ela, pelo barro, quem sabe quantas vezes. A foto é de 1.965, os meus filhos Isabel e Luis Roberto, ainda crianças, e Mauro, um parente. Foi esta Kombi a protagonista da história.

No desespero Dna. Cida, prometeu a N. S. Aparecida que tudo corresse bem, mandaria o filho a Aparecida do Norte.



Na foto a esquerda, Luis Aparecido, naquele tempo com 2 anos de idade. A foto foi feita por mim, para que a mãe Dna Aparecida, cumprindo a promessa, pudesse manda-la para Aparecida do Norte. Foto: 05/01/1.969.

NOTA: Escrevi estes fatos vistos por mim, não para exibir-me, mas para valorizar o asfalto que ai está.